

A POLÍCIA DA MEMÓRIA

Título original: *Hisoyaka na Kessho* (密やかな結晶)

© Yoko Ogawa, 1994

© Editora Estação Liberdade, 2021, para esta tradução

Publicado originalmente no Japão em 1994 por Kodansha Ltd., Tóquio.

Direitos da edição em português acordados com Yoko Ogawa por intermédio de Japan Foreign-Rights Centre/Ute Körner Literary Agent S.L.U. –
www.uklitag.com.

PREPARAÇÃO Fábio Fujita

REVISÃO Huendel Viana

EDITORA ASSISTENTE Caroline Fernandes

SUPERVISÃO EDITORIAL Letícia Howes

EDIÇÃO DE ARTE Miguel Simon

EDITOR Angel Bojadsen

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O28p

Ogawa, Yoko, 1962-

A polícia da memória / Yoko Ogawa ; tradução Andrei Cunha. - 1. ed.
- São Paulo : Estação Liberdade, 2021.

320 p. ; 21 cm.

Tradução de: *Hisoyaka na kessho*

ISBN 978-65-86068-29-0

1. Ficção japonesa. I. Cunha, Andrei. II. Título.

21-69806

CDD: 895.63

CDU: 82-3(52)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

10/03/2021 10/03/2021

Todos os direitos reservados à Editora Estação Liberdade. Nenhuma parte da

obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

EDITORA ESTAÇÃO LIBERDADE LTDA.
Rua Dona Elisa, 116 | Barra Funda
01155-030 São Paulo – SP | Tel.: (11) 3660 3180
www.estacaoliberalidade.com.br

Um

Qual terá sido a primeira coisa que desapareceu desta ilha? Ainda hoje, me pego pensando nisso. Quantas vezes minha mãe não me contou essa história quando eu era pequena!

— Muito, muito tempo antes de você nascer, este lugar tinha uma abundância de coisas. Coisas transparentes, coisas cheirosas, coisas farfalhantes, esvoaçantes, luminosas... enfim, maravilhas que você não pode nem imaginar. Infelizmente, nós, habitantes desta ilha, não podemos guardar para sempre essas coisas fascinantes. Enquanto vivermos nesta ilha, precisamos ir apagando de nossos corações, um a um, os objetos ali guardados. Talvez já esteja chegando a hora de você também perder alguma coisa...

Angustiada, eu quis saber:

— Dá medo quando isso acontece?

— Não, não precisa se preocupar. Não dói, não é ruim. Um belo dia, acordamos, abrimos os olhos, e a coisa já se foi. Fechamos os olhos, ficamos com os ouvidos atentos, sentimos o movimento do ar da manhã... Você deve prestar atenção: tem algo diferente de ontem? Isso quer dizer que seu coração perdeu algo, que alguma coisa desapareceu da ilha.

Minha mãe só falava disso quando estávamos sozinhas no ateliê do porão da casa. Era um cômodo de vinte tatames¹, empoeirado, com o chão áspero. O norte ficava para o rio, e podia-se ouvir o som da água. Eu sentava na minha banquetta e escutava minha mãe, que era escultora, falar baixinho enquanto entalhava ou polia uma pedra.

— A cada desaparecimento, a ilha entra por algum tempo em polvorosa. As pessoas se reúnem nas ruas, falando de suas memórias da coisa sumida. Dizem que sentem saudades, que estão tristes, consolam-se

umas às outras. Se o que desapareceu é algo material, as pessoas trazem os seus exemplares para queimar, ou ainda enterrar, ou mesmo jogar no rio. Mas mesmo esse burburinho dura pouco. Depois de dois ou três dias, todos já voltaram à vida normal, incapazes até de lembrar o que era mesmo que haviam perdido.

Então minha mãe fazia uma pausa e me levava para trás da escada. Ali, havia uma cômoda em que se enfileiravam muitas gavetinhas.

— Venha cá e escolha uma delas para abrir.

Eu ficava algum tempo contemplando os puxadores ovais enferrujados. Qual escolher?

Sempre me demorava para decidir, pois sabia muito bem que lá dentro jaziam coisas inauditas e encantadoras. Minha mãe guardara ali, em segredo, os objetos sumidos da ilha.

Afinal, eu me decidia por uma das gavetas, e ela, sorrindo, depositava a coisa na palma da minha mão.

— Ah, isso aqui é algo que sumiu quando eu tinha sete anos. Chama-se “fita de cetim”. Usava-se para prender o cabelo ou enfeitar as roupas.

“Isto aqui é um ‘guizo’. Sacuda na palma da mão. Reparou como o som é bonito?”

“Ah, a gaveta de hoje é especial! É a coisa que eu guardo com mais carinho. Isto aqui é uma ‘esmeralda’! É uma lembrança da vovó. Tão linda, tão refinada, tão elegante! Era a pedra mais preciosa de toda a ilha. Mas hoje ninguém mais se lembra dela.

“Isto aqui é tão pequeno, tão fininho... mas é uma coisa bem importante. Quando queríamos dizer algo para alguém, escrevíamos uma carta e colávamos este ‘selo’ nela. E daí a carta era enviada para onde quiséssemos. Muito, muito antigamente, era assim que acontecia.”

Fita, guizo, esmeralda, selo... saídas da boca de minha mãe, as palavras remetiam a nomes de meninas estrangeiras, ou de plantas desconhecidas — elas me deixavam arrepiada. Eu me divertia imaginando a ilha na época em que essas coisas existiam.

Ao mesmo tempo, imaginar as coisas sumidas era um trabalho difícil.

O objeto repousado na palma da minha mão parecia um animalzinho a hibernar — enroscadinho, imóvel, silente. Não me transmitia nenhum sinal. Eu me via tomada por uma sensação de impossibilidade, como alguém que tentasse reproduzir com argila a forma das nuvens que boiam no céu. Diante das gavetas secretas, eu buscava concentrar meu coração, prendendo-me a cada palavra que minha mãe dizia.

A história que mais me encantava era a do “perfume”. Um líquido translúcido guardado em um pequeno frasco de vidro. Na primeira vez que minha mãe pôs o frasco na minha mão, fiz menção de levá-lo à boca, pensando se tratar de água com açúcar ou alguma bebida.

— Não, isso não é de beber! — apressou-se a dizer. — É assim, ó: põe só uma gotinha na nuca — disse ela, enquanto posicionava o frasco atrás da orelha, onde lentamente depositou um pouquinho do líquido.

— Mas para que serve isso? — perguntei, confusa.

— O perfume é invisível, mas dá para guardar em um frasco.

Eu olhava fixamente o conteúdo do vidro.

— Quando passamos o perfume no corpo, ele tem um cheiro bom. É um cheiro capaz de nos fazer viajar com as sensações. Quando eu era mocinha, passávamos perfume para sair com o namorado. Isso era tão importante quanto escolher a roupa certa. Este é o perfume que eu usava para encontrar o seu pai. Ele sempre me trazia rosas das encostas das colinas do sul, então eu precisava achar um perfume que pudesse concorrer com o aroma daquelas flores. Se o vento movia meus cabelos, eu olhava um pouco para o lado, para ver se ele estava sentindo o meu cheiro.

A história do perfume era a que deixava minha mãe mais animada.

— Naquela época, todo mundo conseguia apreciar um aroma. Hoje em dia, ninguém mais sabe o que é isso. Não é mais vendido em lugar nenhum, nem ninguém mais quer comprar perfume. O perfume desapareceu no outono do ano em que me casei com seu pai. Todos trouxeram seus perfumes de casa e se reuniram à beira do rio. As pessoas destampavam os frascos e despejavam o líquido no rio. Houve aqueles que, com expressão arrependida, depois levavam os frascos vazios ao

nariz. Mas já não havia mais ninguém que conseguisse sentir o aroma. E, assim como o perfume desapareceu, todas as memórias relacionadas a ele também se evaporaram. O perfume se transformou em algo inútil, degradado ao nível de uma água de segunda classe. Depois disso, por dois dias, em toda parte havia um cheiro tão forte que dava náuseas. Muitos peixes morreram. Mas não houve quem se importasse, porque o belo aroma se apagara do coração de todos.

Ao fim, minha mãe ficava com olhos tristes. Então me punha no colo e me deixava cheirar o perfume em sua nuca.

— Que tal?

Não sabia muito bem o que responder. A nuca tinha, é verdade, um cheiro. Não era como o cheiro de pão quentinho nem o de cloro da piscina — era uma presença flutuante. Mas, fora isso, aquilo não me fazia pensar em nada.

Minha mãe esperava um pouco, na esperança de que algo brotasse de minha mudez. Ao final, resignada, dava um pequeno suspiro.

— Ah, esqueça. Isso aqui é só uma aguinha para você. Não tem jeito. Aqui nesta ilha, não dá para ficar querendo se lembrar das coisas que sumiram — dizia, guardando o frasco de volta na gaveta.

Quando o relógio da parede dava nove horas, eu me recolhia ao meu quarto para dormir. Minha mãe então se voltava ao trabalho, empunhando formão e martelo.

Um dia, na hora do beijo de boa-noite, eu finalmente arrumei coragem para perguntar algo que estava me incomodando havia um tempo. Das janelas do porão, enxergava-se, clara, a lua crescente flutuando no céu.

— Mamãe, por que você se lembra tão bem das coisas sumidas? Como consegue sentir o cheiro do perfume que todo mundo já esqueceu?

Ela ficou com o olhar um tanto perdido na lua crescente. Depois, com a ponta dos dedos, se pôs a espanar do avental a poeira das pedras.

— Eu também não sei. Às vezes fico pensando nisso... — respondeu, num fiapo de voz. — Por que será que nunca perco nada?

Por que será que nunca esqueço?

Ela baixou os olhos, como se fosse ruim não esquecer. Para consolá-la, dei-lhe mais um beijo de boa-noite.

Dois

Minha mãe morreu; depois, foi a vez de meu pai me deixar. Desde então, muito tempo se passou, e eu ainda moro na mesma casa de antes. Minha babá, que cuidou de mim desde que eu era pequenininha, morreu dois anos atrás de ataque do coração. Sei que tenho primos em uma aldeia passando as montanhas do norte, perto da nascente do rio, mas nunca vi nenhum deles. As montanhas do norte estão cobertas de neblina e de florestas de espinheiros, e quase ninguém se atreve a ir lá. Além disso, aqui não há aquilo que chamam de “mapas” (será que eles também desapareceram um dia, muitos anos atrás?), então ninguém sabe como é do outro lado das montanhas, nem que real forma tem esta ilha.

Meu pai era pesquisador. Estudava pássaros. Trabalhava em um observatório de aves silvestres no alto das colinas do sul. Por uns quatro meses no ano, ele se mudava para lá e fazia coleta de dados, tirava fotos, cuidava da incubadora, essas coisas. Eu ia visitá-lo com frequência, sob pretexto de levar a ele algo para comer. Os outros pesquisadores, mais jovens, me mimavam com biscoitos e chocolate quente.

Sentava-me no colo de meu pai e ficava espiando com o binóculo. Ele conhecia todos os detalhes dos pássaros: a forma do bico, a cor do contorno dos olhos, como eles abriam as asas e, é claro, o nome de cada um deles. O binóculo era muito pesado para uma criança, e logo meus braços começavam a formigar. Quando isso acontecia, meu pai me ajudava delicadamente, sustentando o peso do instrumento com a mão esquerda. Quando estávamos os dois assim, bem perto um do outro, eu ficava com vontade de lhe perguntar se ele sabia que, na antiga cômoda do ateliê, havia coisas secretas. Mas logo me vinha à mente a imagem de minha mãe com o olhar parado contemplando a lua crescente pela janela do porão, e a voz me faltava. No lugar da pergunta, eu transmitia as

ordens bobas da minha mãe:

— Papai, coma isso logo. A comida vai estragar.

Na volta, meu pai me levava até o ponto de ônibus. Eu interrompia o trajeto em um comedouro de pássaros que havia no caminho e lhes esfarelava um dos biscoitos que ganhara dos pesquisadores.

— Quando você volta para casa? — eu perguntava.

— À tardinha, no sábado, eu acho — dizia ele, agitado. — Dê um beijo em sua mãe por mim.

E, ao se despedir, acenava para mim com tanta vontade que parecia que saltariam do bolso do jaleco lápis vermelho, bússola, marca-texto, régua, pinça e tudo o mais que ele guardava lá.

Ainda bem que os pássaros sumiram depois que meu pai já estava morto. Os habitantes da ilha em geral não se importam muito de perder o emprego depois do sumiço de alguma coisa; logo em seguida, já arrumam outro serviço. Mas, no caso de meu pai, acho que ele não seria capaz disso. A única coisa que ele sabia fazer era dar nome aos pássaros.

Hoje, a chapelaria do outro lado da rua é uma loja de guarda-chuvas. O marido de minha babá passou de motorneiro da balsa a guarda-noturno de um silo. Uma amiga minha da escola, mais velha que eu, de cabeleireira se transformou em parteira. Nunca vi as pessoas reclamarem disso, nem quando passavam a ganhar menos. Ninguém expressa pesar nem saudade. Além do quê, todos sabem que resmungar demais pode causar suspeita e chamar a atenção da polícia secreta.

Todo mundo consegue esquecer facilmente — eu também. Esta ilha flutua sobre uma imensa lacuna do mar, um vazio que só cresce.

Com os pássaros foi do mesmo jeito que muitos outros sumiços. Uma bela manhã, acordamos abruptamente. Ainda na cama, abrimos os olhos. A tensão do ar parece diferente, como que áspera. Isso é sinal de que houve um desaparecimento. Ainda embrulhada no cobertor, passei atenta o meu olhar pelo quarto. Minhas maquiagens na penteadeira, os cliques e papéis com anotações na escrivaninha, a renda das cortinas, as

prateleiras com discos... qualquer coisa, por trivial que fosse, poderia ter desaparecido de uma hora para outra. Para descobrir o que havia sumido, precisava-se de concentração e determinação. Levantei-me, vesti um casaquinho e fui dar uma espiada no jardim. Os vizinhos também estavam na rua, com semblantes ansiosos, revistando o entorno. O cachorro do vizinho gania baixinho.

Nesse momento, vi um passarinho marrom voando alto no céu. Era uma coisa redonda, com um pouco de branco misturado na plumagem da barriga. Será que algum dia eu vira esse bicho com o meu pai no observatório? No momento em que pensei nisso, ocorreu-me que meu coração perdera todas as informações relacionadas a pássaros que um dia pudesse ter tido. Desde o significado da palavra “pássaro”, passando por meus sentimentos por eles, até minhas memórias relacionadas a esses bichos — tudo se perdera.

No silêncio da manhã, ouviu-se a voz solitária do velho chapeleiro do outro lado da rua:

— Ah, foram os passarinhos. Passarinho tanto faz. Ninguém vai dar falta disso mesmo. Passarinho só serve para voar por aí pelo céu.

O velho arrumou o cachecol em volta do pescoço e deu um espirro. Seus olhos encontraram os meus. Por um instante, deve ter se lembrado de que meu pai pesquisava pássaros, porque deu um risinho constrangido e se mandou de volta para a loja. Outras pessoas esboçaram a mesma expressão de alívio ao compreender o objeto do sumiço. Todos se voltaram a seus afazeres matinais. Só sobrei eu ali, parada, olhando o céu.

O passarinho marrom traçou um círculo no ar e se foi em direção ao norte. Não consegui lembrar a que espécie pertencia. Senti remorso por nunca ter prestado muita atenção nos nomes dos bichos na época em que subia no colo de meu pai para observá-los com o binóculo. Tentei ao menos fixar na memória a maneira como a coisa batia as asas, seus sons, sua cor — em vão. Todos os pássaros que viviam nas cálidas memórias que tinha de meu pai já não serviam para invocar sua imagem. Agora, não passavam de seres vivos que faziam uso de um movimento vertical

das asas para se manter no ar.

Quando à tarde fui ao mercado fazer compras, passei por inúmeras pessoas carregando gaiolas com aves. Papagaios, calafates, canários e outras espécies, enjaulados, batiam nervosamente as asas, como se pressentissem algo. Seus donos caminhavam atônitos e mudos. Pareciam ainda não ter absorvido totalmente o choque do mais recente sumiço.

Cada um a seu modo se despediu de seu pássaro. Alguns os chamavam pelo nome; outros os levavam ao rosto; havia ainda os que ofereciam petiscos com a boca. Quando os rituais de despedida cessaram, todos abriram a porta das gaiolas e as seguraram voltadas ao céu. Alguns pássaros hesitaram, voando em torno de seus donos; mas, por fim, todos acabaram engolidos pelo vasto céu e desapareceram.

Depois da revoada final, um silêncio tomou conta de tudo, como se o próprio ar estivesse contendo sua respiração. Os donos de pássaros retornaram para suas casas, levando consigo as gaiolas.

E foi assim que se passou o sumiço dos pássaros.

No dia seguinte, aconteceu uma coisa inesperada. Eu estava tomando café da manhã e assistindo televisão quando a campainha tocou. A maneira como ela soou me pareceu grosseira e já imaginei que deviam ser más notícias.

— Leve-nos ao escritório de seu pai.

Na porta de entrada, a polícia secreta. Ao todo, eram cinco policiais. Usavam um uniforme verde-escuro, com cintos largos, botas pretas, luvas de couro, e traziam revólveres na cintura. Estavam todos arrumados e vestidos de forma idêntica — ou talvez cada um deles tivesse diferentes combinações de distintivos na lapela, mas não deu tempo de olhar direito.

— Leve-nos ao escritório de seu pai — ordenou o homem mais à frente, no mesmo tom que o primeiro. Trazia na lapela distintivos em forma de losango, de feijão e de trapézio.

— Meu pai morreu há cinco anos — eu disse lentamente, tentando

me acalmar.

— Estamos sabendo — respondeu outro, com insígnias em forma de cunha, de hexágono e de um T.

Como se esse fosse o sinal para invadir, os cinco homens subiram o degrau de entrada sem tirar os sapatos e enveredaram casa adentro. O corredor reverberou os cinco pares de coturnos e de armas batendo no fecho dos coldres.

— Acabei de mandar lavar o carpete! Por favor, tirem os sapatos!

Havia coisas mais importantes a dizer no momento, mas foram essas as tolas palavras que consegui tirar de minha boca. Os homens me ignoraram e subiram as escadas que levavam ao segundo andar.

Eles pareciam conhecer perfeitamente a disposição dos cômodos da casa. Foram direto ao escritório, que ficava no canto leste, e se puseram a trabalhar com admirável eficiência. Um deles abriu todas as janelas do cômodo, que estavam fechadas desde a morte de meu pai. Outro forçou a fechadura da porta do armário e da gaveta da escrivaninha com o auxílio de uma ferramenta comprida que lembrava um bisturi. Os outros revistaram todos os cantos, como que em busca de algum cofre oculto.

Em seguida, puseram-se a fazer uma triagem dos pertences de meu pai, seus manuscritos, anotações, diários de campo, publicações e fotografias. Tudo o que consideravam perigoso — ou seja, tudo o que continha o ideograma 鳥 (“pássaro”) — iam jogando ao chão. Fiquei paralisada no limiar da porta, apertando e soltando o botão da maçaneta, enquanto observava o procedimento.

Demonstravam ser muito bem treinados, exatamente como se comentava. O *modus operandi* da equipe havia sido planejado detalhadamente de forma a assegurar o máximo de eficiência. Ninguém dizia nada, todos tinham um olhar preciso; nenhum deles se movia de forma desnecessária. O farfalhar dos papéis lembrava o bater de asas de pássaros.

Em um piscar de olhos, já havia uma montanha de papel no chão. Naquele ambiente, era muito pequena a proporção de objetos sem relação com aves. Das mãos dos policiais, caíam com estrondo fotos

tiradas no observatório e resmas e resmas de papéis com a letra de meu pai, uma caligrafia que parecia subir para a direita em uma inclinação que me era inconfundível. Em que pese a balbúrdia que eles estavam fazendo, o procedimento em si era um bailado tão preciso que me senti como que acometida por uma alucinação: era como se eu estivesse sendo acolhida por uma refinada hospitalidade. Algo em mim me instava a tomar uma atitude e expressar minha objeção, mas, ao mesmo tempo, meu coração batia tão forte que eu não sabia o que fazer.

— Vocês não podem mexer nisso com mais cuidado? — experimentei dizer, sem obter resposta. — Isso é tudo o que me resta de meu pai.

Nenhum deles se deu sequer ao trabalho de se virar. Minha voz foi como que devorada pelas pilhas de papel que se acumulavam pelo chão.

Um deles começou a mexer na gaveta inferior da escrivaninha.

— Não tem nada aí que tenha a ver com pássaros — apressei-me a dizer.

Era a gaveta em que meu pai guardava as cartas e fotos de família. O policial com distintivos em forma de rosquinha, de retângulo e de uma gota não deu a mínima atenção ao que eu dissera e continuou a inspecionar aquele conteúdo. Dali, retirou uma única foto, em que se viam eu, minha mãe e meu pai ao lado de um pássaro de cores vivas cujo nome já não me recordo. Meu pai havia criado aquele bicho em uma incubadora artificial. Depois o homem pegou as outras fotos e cartas, que dispusera cuidadosamente sobre a escrivaninha, e as devolveu à gaveta. De todos os gestos esboçados pelos caçadores de memórias naquele dia, esse foi o único decente.

Após a triagem, enfiaram a mão no bolso interno de seus casacos e de lá tiraram sacos pretos, em que colocaram as coisas do chão. Pela maneira como abarrotaram os sacos, compreendi que aqueles papéis seriam destruídos. Tudo foi aglomerado de qualquer jeito — era de imaginar que eles não pretendiam revistar aqueles documentos, mas apenas se livrar de todo e qualquer traço da existência dos pássaros. A principal missão da polícia secreta era levar a cabo o processo de

desaparecimento.

Ao final da batida, fiquei pensando que a coisa tinha sido menos pesada do que da vez em que vieram buscar minha mãe. Agora, haviam levado embora tudo o que queriam — provavelmente, não voltariam mais. Depois da morte de meu pai, a memória dos pássaros que pairava pela casa foi se rarefazendo mais a cada dia.

A batida levou só uma hora e rendeu dez grandes sacos cheios de papel. O cômodo estava quente com os raios do sol da manhã. Os distintivos dos policiais reluziam imaculados. Nenhum deles estava suado nem sem fôlego. Cada um deles carregou nas costas sua porção equânime de dois sacos até um caminhão que estava estacionado nos fundos da casa. Depois partiram.

Ao final de uma hora, o escritório era um lugar diferente. Os traços da vida do meu pai, que eu mantivera cuidadosamente encerrados ali, agora haviam desaparecido, e em seu lugar, de forma irreversível, encontrava-se instalado um oco. Fiquei parada, em pé, bem no meio do cômodo. O ponto mais recôndito do oco profundo parecia querer me engolir inteira.

Três

Eu vivo de escrever romances. Já publiquei três. O primeiro era sobre uma afinadora e seu amante desaparecido, um pianista. Ela percorria o mundo, as lojas de instrumentos, as grandes salas de concerto, contando apenas com a memória do timbre de uma nota na busca por seu amor. O segundo, sobre uma bailarina que perdera a perna direita em um acidente e agora vivia em uma estufa de plantas com o amante, um botânico. O terceiro, sobre uma mulher que tinha de cuidar do irmão mais novo, vítima de uma doença que ia derretendo, um por um, seus cromossomos.

Todos são romances sobre perda. As pessoas adoram esse tipo de história. Só que, nesta ilha, escrever romances é um dos trabalhos mais humildes, mais invisíveis. Não se pode dizer que haja aqui uma abundância de livros. Se vou à biblioteca que fica do lado do roseiral, um prédio dilapidado de madeira sem porão nem sótão, nunca vejo mais do que duas ou três almas, no máximo. Os livros dormem no canto das prateleiras, longe de olhos humanos, e só de se lhes abrir, começam a se esfarelar, meio apodrecidos. Não se faz menção de recuperá-los; quando se desmancham, são descartados. A biblioteca tem cada vez menos livros, mas ninguém reclama.

A livraria é a mesma coisa. No calçadão do centro, não há lugar mais silencioso do que a livraria. O dono é mal-encarado e não está a fim de nada. As capas dos livros desbotaram.

Pouca gente precisa de romances nesta ilha.

Começo a escrever às duas da tarde e só largo o lápis de madrugada. Ainda assim, isso não me rende muito mais do que cinco folhas por dia. Gosto de ir escrevendo letra por letra no papel quadriculado, deliberadamente. Afinal, não há motivo para pressa. Uso meu tempo

com cuidado, escolhendo a letra certa para preencher cada quadradinho.

Escrevo no antigo escritório de meu pai. Comparado à época em que era dele, hoje está bem menos abarrotado. Não preciso de livros de referência nem de anotações para escrever meus romances. Na escrivaninha, tenho apenas uma resma de folhas de almaço, lápis, um estilete para apontar os lápis e uma borracha. Nunca consegui preencher o oco que a polícia secreta deixou aqui.

No fim da tarde, saio para caminhar por uma hora. Vou até o cais das balsas e, na volta, passo pelo antigo observatório de aves na trilha das colinas.

A balsa, há anos ancorada no cais, está toda enferrujada. Não serve mais para transportar passageiros. As balsas também foram objeto de sumiço.

Era para ter o nome da embarcação escrito à tinta na proa, mas a maresia se encarregou de apagar as letras. As escotilhas tinham uma espessa camada de sujeira; o casco, a corrente da âncora e a hélice estavam cobertos de cracas e de algas. A antiga balsa era como o cadáver petrificado de um monstro marinho.

O marido de minha babá tinha sido balseiro, uma época. Depois que as balsas sumiram, trabalhou um tempo como guarda-noturno no cais, mas agora já estava aposentado. Morava dentro da embarcação desativada. No caminho de volta, costumo parar no cais para bater um papo com ele.

— E como vai indo o romance? — pergunta-me, oferecendo uma cadeira para eu sentar.

Assento é o que não falta em uma balsa desativada. Dependendo do tempo que faz, às vezes sentamos no deque, ou no sofá da primeira classe, ou no lugar que nos dá na telha.

— Ah, daquele jeito de sempre — respondo.

— Cuidado com o estresse, hein! Não trabalhe demais. Não é qualquer um que consegue ficar o dia inteiro numa escrivaninha pensando em coisas complicadas. Se o patrão e a patroa fossem vivos, teriam tanto orgulho de você — diz ele, balançando a cabeça.

— Que nada, escrever romances não tem nada de complicado. Desmontar o motor da balsa, trocar as peças e depois colocar tudo de volta no lugar me parece muito mais misterioso e difícil.

— De que adianta tudo isso, se as balsas sumiram...

Um dia estávamos nessa altura da conversa quando fomos visitados por um silêncio.

— Ah, você nem sabe, hoje eu tenho uns pêssegos maravilhosos! Você quer?

O velho foi à pequena cozinha que ficava na sala da caldeira e trouxe um prato com gelo, no qual se viam perfilados pêssegos ornamentados com folhas de hortelã. Também tinha uma térmica com um chá bem forte. Ele sabia cuidar bem de máquinas, frutas e plantas.

Sempre trago o primeiro exemplar de todos os meus romances para presenteá-lo.

— Ah! É o seu romance?

Ele disse “romance” com certa prudência, como se fosse uma palavra importante. Depois se curvou e recebeu o livro com as duas mãos, como um objeto sagrado.

— Muito obrigado! Muito obrigado!

E continuou agradecendo, até começar a chorar. Fiquei muito constrangida.

Cumpre-me acrescentar que ele nunca leu uma linha de nada que eu escrevi.

— Depois vou querer saber o que o senhor achou.

— Está fora de questão. Se eu ler o romance, ele acaba. Um desperdício. Prefiro guardá-lo para sempre aqui comigo, essa coisa preciosa.

E, dizendo isso, colocou o livro no altar do deus do mar que há na ponte de comando e uniu as mãos enrugadas em uma prece.

Enquanto comíamos os pêssegos, falamos de diversas coisas — a maioria, memórias de tempos passados. De meu pai, de minha mãe, do observatório de pássaros, das esculturas, dos velhos tempos em que era

possível ir a outros lugares de balsa... Mas nossas lembranças vão diminuindo a cada dia. Cada vez que algo desaparece, nossas memórias somem com a coisa. Os pêssegos foram acabando; dividimos o último, saboreando-o com cuidado, enquanto repetíamos diversas vezes os mesmos assuntos.

Desci da balsa quando o sol começou a mergulhar na água. A escada não é muito íngreme, mas o velho sempre segura minha mão para eu descer. Ele me trata até hoje como se eu fosse uma menina.

— Cuide-se na volta.

— Pode deixar. Até amanhã.

Ele ficou me olhando ir embora até eu desaparecer de vista.

Antes de voltar para casa, ainda passei pelo observatório, mas não me demorei. Contemplei o mar, respirei fundo diversas vezes e desci em seguida.

A polícia secreta também passou por aqui, como pelo escritório de meu pai, deixando apenas um prédio dilapidado e vazio. Nada ali permite imaginar que um dia foi um observatório de aves silvestres. As pessoas que trabalhavam ali também se dispersaram.

Fui até a janela de onde, antigamente, ficava olhando os passarinhos com o binóculo de meu pai. Vez ou outra, ainda aparece um passarinho, mas, para mim, ele é apenas uma lembrança de que as aves agora não têm significado algum.

Começava a anoitecer quando passei pela cidade, de volta das colinas. A ilha fica silenciosa ao anoitecer. As pessoas voltam do trabalho de cabeça baixa, as crianças entram correndo em suas casas, e o caminhão da feira ambulante vai se distanciando com um barulho de motor velho.

A ilha parece plena de um sentimento de antecipação, como que se preparando para um novo sumiço.

E, assim, a ilha dá boas-vindas à noite.

Quatro

Na quarta-feira à tarde, estava a caminho da editora para entregar um manuscrito quando testemunhei uma operação de caça às memórias — a terceira vez só esse mês.

Eles vinham se mostrando cada vez mais autoritários e violentos. Pensando bem, quinze anos antes, quando vieram buscar minha mãe em casa, acho que aqueles eram os primeiros caçadores de memórias. Tinham acabado de descobrir que havia pessoas especiais que não esqueciam o que deviam esquecer, e a polícia secreta estava tentando prender todas. Até hoje ninguém sabe onde foram parar todos os detidos.

Desci do ônibus e já ia atravessar o cruzamento quando três caminhões daquela cor verde-escura que todos reconhecem surgiram à nossa frente. Os outros carros tiveram de reduzir a velocidade e dar-lhes passagem. Os caminhões estacionaram diante de um prédio ao mesmo tempo residencial e comercial em cuja fachada se viam placas de consultórios de dentista, agências de seguros, academias de dança e outros negócios. Uma dezena de policiais desceu das viaturas e passou rapidamente pela entrada do edifício.

Eu e todos à minha volta como que paramos de respirar. Houve quem fosse se esconder nas ruazinhas laterais. Todos ansiavam que o espetáculo acabasse logo — antes que fossem obrigados a se envolver com aquilo. O ar que rodeava os caminhões parecia ter sido sugado pelo redemoinho do tempo, mergulhado que estava em um silêncio absoluto.

Abracei com força o envelope em que se encontrava o meu manuscrito e fiquei parada, imóvel, à sombra de um poste de luz. O semáforo passou do verde ao amarelo, do amarelo ao vermelho, e de volta ao verde. Ninguém atravessou a rua. Dentro do bonde que passava,

as pessoas se penduraram nas janelas para ver o que estava acontecendo. Acabei amassando todo o envelope.

Algum tempo depois, ouviu-se um alvoroço de passos. Eram os coturnos autoritários e disciplinados da polícia secreta, aos quais se somava o som débil, tristonho, dos passos dos detidos. As pessoas começaram a sair do edifício, uma após a outra: dois cavalheiros de meia-idade, uma mulher de uns trinta anos com os cabelos castanho-avermelhados e uma adolescente magrinha; em seguida, foram os policiais.

Nem começara a esfriar ainda, mas os quatro estavam entrouxados com diversas camadas de camisas, camisetas, casacões, cachecóis, lenços de pescoço. Carregavam bolsas e malas estufadas de roupas. Como se tivessem juntado em pouco tempo tudo o que estava à mão e que consideraram útil.

As roupas não estavam abotoadas direito, as malas deixavam ver pontas de pano saindo nos cantos, os cadarços estavam desatados. Era possível notar que não lhes havia sido dado tempo para se prepararem. Havia revólveres apontados para as suas costas. As expressões faciais, no entanto, não denotavam confusão. Os olhares tinham a limpidez de um açude solitário no meio de uma floresta fechada e pareciam fixos em uma realidade distante. Eram olhos de quem se lembrava de coisas que nos eram invisíveis.

A polícia secreta se movia com a mesma precisão de sempre. Os distintivos coruscavam nas lapelas. Não havia um movimento inútil em sua coreografia. Quatro policiais passaram diante de mim. Tinham um vago cheiro de solução antisséptica. Talvez um dos detidos fosse da clínica odontológica.

Foram entrando nos caminhões fechados com lona. Em nenhum momento o cano das armas se afastava das costas dos presos. Por último, a adolescente jogou para dentro do caminhão a bolsa que carregava — cor de laranja, com um aplique de ursinho. Em seguida, tentou subir no veículo, mas a carroceria era muito alta e ela caiu, estatelando-se sentada no asfalto.

Sem pensar, dei um grito e deixei cair meu envelope. O manuscrito se espalhou pela calçada. As pessoas à minha volta me fizeram cara feia. Não se deve chamar a atenção dos caçadores de memórias. Isso pode arrumar problemas para o nosso lado, pareciam dizer. Todos têm medo da polícia secreta.

Um jovem que estava ao meu lado me ajudou a juntar as folhas do manuscrito. Algumas haviam caído em poças d'água e estavam molhadas; outras foram pisadas e ficaram sujas; mas conseguimos reuni-las rapidamente.

— Pegou todas? — perguntou o jovem.

Assenti com a cabeça e agradeci silenciosamente com o olhar.

A confusão que eu causei não teve nenhuma consequência para os afazeres da polícia secreta. Nenhum deles se voltou para onde eu estava.

Um dos homens que estava dentro do caminhão ofereceu a mão à adolescente que havia caído e a puxou para dentro do veículo. A saia levantada permitiu entrever os joelhos pequenos e duros de um corpo ainda infantil. Um policial abaixou a lona da carroceria e ouviu-se o som dos motores.

Mesmo depois que partiram, o fluir do tempo demorou um pouco para voltar. O ruído dos motores foi se distanciando e já não se viam mais os caminhões ao longe. Finalmente, quando o bonde voltou a se mover, as pessoas compreenderam que a caça às memórias chegara ao fim, e que ninguém ali havia sido prejudicado ou envolvido. Todos retomaram suas atividades, cada um para o seu lado. O jovem que me ajudara atravessou a rua e se foi pela calçada lateral.

Enquanto olhava para a porta fechada do prédio, tentei imaginar o que a adolescente sentira quando o policial tocou a sua mão.

— Vi uma coisa horrível agora, vindo para cá — contei a R na entrada da editora.

— Uma caça às memórias? — perguntou meu editor, enquanto acendia um cigarro.

— Sim. Está cada vez pior, não é?

— Um horror, não sei onde isso vai parar — disse ele, dando uma funda tragada.

— Pois é, mas a caçada de hoje foi diferente, sabe? Foi tudo à luz do dia, em um prédio do centro, e levaram quatro de uma só vez. Até hoje eu só tinha visto levarem uma pessoa por vez, à noite... e normalmente buscam as pessoas em casa...

— Vai ver esses quatro estavam em um esconderijo...

— Esconderijo?

Repeti a palavra porque não estava acostumada com ela, mas, logo em seguida, levei a mão à boca, como que para abafá-la. Todo mundo diz que não se deve falar desses assuntos delicados na frente dos outros. Nunca se sabe se há algum policial infiltrado. Inúmeros boatos circulam na ilha sobre os caçadores de memórias.

Não havia quase ninguém ali na entrada. Do outro lado dos vasos de fícus, três homens de terno estavam metidos em uma conversa complicada em torno de uma pilha alta de papéis. Fora isso, só a recepcionista com cara de tédio.

— Eles provavelmente estavam escondidos em alguma sala do prédio. Não há alternativa para eles. Ouvi dizer que, na verdade, existe uma rede subterrânea de apoio que abriga essas pessoas. É uma rede bastante organizada, com contatos em todas as partes, dedicada a obter esconderijos seguros, víveres e dinheiro para essas pessoas. Mas, se a polícia secreta conseguiu desbaratar um desses abrigos, é sinal de que não existem esconderijos seguros...

Tive a impressão de que R pretendia dizer mais alguma coisa, mas, em vez disso, ele pegou sua xícara de café e se pôs a contemplar o jardim interno, emudecido.

No meio do pátio, havia um pequeno chafariz rodeado de tijolos. Não tinha ornamento nenhum — era uma fonte bastante simples. Durante os silêncios entre uma fala e outra, ouvia-se o som da água vindo do outro lado da vidraça. Lembrava o arco de um instrumento de cordas tocando suave, ao longe. Voltei-me para R e disse:

— Há uma coisa que eu acho difícil de entender. Como é que a polícia secreta consegue detectar quem são essas pessoas, as que não são afetadas pelos sumiços? Não há nada na aparência delas que as diferencie dos outros. São homens, mulheres, das mais diversas idades, profissões, classes sociais... Elas não deveriam apenas prestar atenção na maneira como os outros se comportam e fazer a mesma coisa? Não deve ser muito difícil fingir que um sumiço atingiu nossa consciência.

— Hmm... será? — questionou R, após uma pausa. — Acho que não é tão simples assim como você diz. A nossa consciência está envolta em subconsciente: o subconsciente é cerca de dez vezes maior do que a nossa consciência. Não é algo que se controle tão facilmente. Eles não são capazes de imaginar como se dá a experiência do desaparecimento. Se pudessem fazer isso, não se dariam ao imenso trabalho de viver em esconderijos.

— Isso é verdade.

— Ainda não passa de um boato, mas ouvi dizer que eles descobrem quem tem uma consciência especial por análise cromossômica. Os técnicos responsáveis pelo sequenciamento do DNA estariam sendo treinados em laboratórios de universidades.

— “Sequenciamento de DNA”?

— Isso. Ainda que a aparência externa dos suspeitos não revele características comuns, seria possível, mediante uma análise genética aprofundada, identificar quais deles desenvolveram uma consciência diferente. A julgar pela eficiência dos atuais caçadores de memórias, parece que o sequenciamento está bem avançado...

— Mas como eles têm acesso ao código genético?

— Você não tomou café agora nessa xícara?

R apagou o cigarro no cinzeiro e levou a xícara que eu estava usando até a altura dos meus olhos. A mão dele estava tão próxima que eu sentia minha respiração nela. Fechei a boca e concordei com a cabeça.

— A coisa mais fácil para a polícia secreta é pegar uma xícara assim, extrair dela a sua saliva e fazer uma análise de DNA. É possível encontrar material genético em tudo... A copa da editora, por exemplo, deve ter

vestígios de todos os que passam por aqui. Aos poucos, sem que ninguém saiba, eles podem estar sequenciando o DNA de todas as pessoas da ilha e criando um banco de dados com esses registros. Sempre deixamos nosso material genético em tudo. Partículas de cabelo, suor, unhas, gordura, lágrimas, ficam espalhados por aí. Não há como evitar isso.

Ele largou de volta a xícara no pires e se pôs a observar o resto de café que sobrara no fundo.

Os homens sentados do outro lado dos fícus tinham encerrado a discussão e desaparecido. Como sinal de sua presença, havia na mesa três xícaras de café. A moça da recepção se levantou e, impassível, recolheu-as em uma bandeja. Esperei que ela se afastasse e continuei:

— Tá, mas... por que eles precisam ser detidos? Eles não prejudicam ninguém...

— Para os dirigentes, em uma ilha onde tudo aos poucos vai sumindo, o simples fato de haver algo que não some é prejudicial... é... inadmissível. Então, se as memórias não somem por bem, somem por mal...

— Acho que minha mãe também foi assassinada...

Eu sabia muito bem que não devia falar disso para ninguém, mas, sem querer, pensei em minha mãe e a coisa escapou. Ele respondeu escolhendo as palavras:

— Sem dúvida ela foi examinada, objeto de pesquisas...

A isso se seguiu um silêncio. Só se ouvia o chafariz. Entre nós dois, o meu manuscrito jazia mudo, todo amassado. R pegou o envelope e retirou dele as folhas.

— Em uma ilha onde tudo desaparece, é extraordinário que alguém construa algo usando palavras...

R começou a limpar as folhas sujas de poeira, como quem acaricia um ser amado.

Nesse instante, percebemos que pensávamos da mesma forma. Nossos olhos se encontraram e pudemos sentir a angústia que se aninhara havia tanto tempo nas reentrâncias de nossos corações. O rosto de R estava iluminado com a refração do sol no jorro do chafariz.

Uma pergunta surgiu na minha cabeça, mas, com medo de que expressando-a ela se tornasse realidade, guardei-a em meu peito, para que R não a percebesse.

E se as palavras desaparecerem, o que será de nós?

Cinco

O outono passou rápido. O quebrar das ondas se tornou mais gélido e o vento das montanhas trouxe consigo as nuvens do inverno.

O velho balseiro veio me ajudar a preparar a casa para o inverno. Limpou o fogão, reforçou o isolamento dos canos, varreu o jardim e fez diversos outros reparos.

— Pode ser que este ano neve, hein! Será a primeira vez na década! — disse ele, enquanto pendurava as réstias de cebola no teto do depósito dos fundos. — Quando as cebolas do verão têm esta casca cor de caramelo e ficam finas como asas de borboleta quando secam, é porque vai ter neve.

Ele pegou uma casca e amassou com a mão. Ouviu-se um som agradável de papel de boa qualidade.

— Seria a terceira vez na vida que eu veria neve. Que bom! E o senhor, quantas vezes já viu? — perguntei, animada.

— Nunca contei. Na época em que atravessávamos o mar do norte com a balsa, eu via neve até dizer chega. Isso muito antes de você nascer.

O velho continuou a pendurar as cebolas.

Encerradas as tarefas, fomos para a cozinha, acendemos o forno e jantamos waffles. A chama demorou para pegar, e o fogão, que acabara de passar por uma limpeza completa, fazia um som engasgado. Da janela, avistava-se o rastro de condensação de um avião que atravessava o céu. Da fogueira de folhas secas do quintal ainda subia uma tênue coluna de fumaça.

— Obrigada por vir sempre ajudar com os preparativos para o inverno. Depois, quando fica mais frio, dá uma angústia pensar que estou sozinha. Ah, espere, tenho uma coisa para o senhor. Eu fiz um blusão de tricô. Vamos ver se serve.

Terminei meu waffle e fui buscar o blusão em jacquard que eu havia feito e entreguei ao velho. Ele se espantou, engoliu o chá numa golada e recebeu o presente com as duas mãos, como quando lhe dera o livro.

— Mas eu não fiz nada! Só vim ajudá-la com o que pude. Você não precisava ter se preocupado tanto. Que desperdício, um blusão para mim! — Ele tirou a blusa gasta e puída que estava usando e a enrolou como uma toalha velha, guardando-a em sua bolsa. Então, como se estivesse vestindo uma coisa delicada que podia rasgar, passou o blusão novo com todo o cuidado pela cabeça. — Ah, que quentinho! E que fofo! Parece que estou flutuando na lã!

As mangas estavam um pouco compridas e a gola, um pouco apertada, mas ele não ligou para isso. Comeu mais um waffle e parecia tão maravilhado com o blusão que não se deu conta de que estava com o rosto lambuzado de creme de baunilha.

O velho juntou o alicate, as chaves de fenda, as folhas de lixa e o óleo de engrenagem, guardou tudo na caixa de ferramentas, amarrou no bagageiro da bicicleta e voltou para a balsa.

Logo em seguida, o inverno começou para valer. Não dava mais para sair sem casaco, e o rio que passava pelos fundos de casa passou a amanhecer congelado. A feira ambulante tinha menos variedades de verduras.

Eu estava enfurnada em casa escrevendo meu quarto romance. Era a história de uma datilógrafa que perdia a voz. Com a ajuda de seu namorado, um professor de datilografia, ela percorria o mundo em busca de sua voz perdida. Ela vai a uma fonoaudióloga. O namorado acaricia sua garganta, aquece sua língua com os lábios, põe a tocar uma gravação antiga dos dois cantando uma música. Mas a voz não volta. Eles se comunicam usando a máquina de escrever. Entre os dois, há sempre uma melodia de sons mecânicos. Então...

Ainda não sei como a história vai continuar. Por enquanto, a coisa parece bastante simples e pacífica, mas algo me diz que a trama logo tomará um rumo pavoroso...

Pouco depois da meia-noite, eu ainda estava trabalhando quando tive a impressão de ouvir alguém batendo no vidro. Larguei o lápis e procurei escutar melhor, mas, lá fora, só havia o som do vento. Voltei à folha em branco, mas não tinha terminado de escrever uma linha quando ouvi de novo as batidas no vidro. Alguém batia de maneira educada, contida.

Abri a cortina e olhei para fora. As casas em volta estavam todas com as luzes apagadas. Não havia sinal de gente. Fechei os olhos e procurei me concentrar: de onde estará vindo esse som? Ao final, achei que era do porão.

Depois da morte de minha mãe, quase nunca mais fui ao porão. Mantinha a porta trancada à chave. Guardara a chave tão bem que custei a encontrá-la. Depois de abrir diversas gavetas, achei um molho de chaves dentro de uma lata. Até descobrir qual delas era a chave enferrujada do porão, tive de fazer ainda mais barulho. Algo me dizia que eu deveria estar fazendo tudo aquilo em silêncio, que assim seria menos perigoso. O som de alguém batendo discreta e pacientemente no vidro, no entanto, persistia, o que me deixou ainda mais nervosa.

Quando finalmente consegui abrir a porta, descer a escada e acender a luz, vi que, atrás da porta de vidro dos fundos, havia o vulto de uma pessoa. Ninguém mais ia àquela parte do pátio dos fundos. Antigamente, era usada para lavar roupa, mas isso foi no tempo da minha avó. Minha mãe algumas vezes lavara suas ferramentas de escultura ali, mas lá se iam quinze anos desde a última vez que alguém estivera naquele lugar.

Era um retângulo de menos de um tatame² de terreno à beira do rio que havia sido calçado com tijolos. A porta de vidro do porão dava para uma escada que levava até lá. O rio, na verdade, tem menos de três metros de uma margem à outra. Há uma pequena ponte de madeira que liga um lado a outro (construída pelo velho balseiro), mas havia muito tempo que ela não era usada e apodrecera.

Por que é que tinha gente ali?

Enquanto me perguntava essas coisas, fiquei tentando decidir o que fazer. Um ladrão? Mas ladrão não bate na porta. Um tarado? Mas as batidas eram muito educadas... Tomei coragem e perguntei:

— Quem é?

— Ah, peço desculpas por incomodá-la a essa hora da noite! É o Inui!

Abri a porta e lá estavam o professor Inui e sua família. Ele era um velho amigo dos meus pais. Era professor de dermatologia na Faculdade de Medicina.

— Mas o que houve?

Deixei que entrassem. Só de ouvir o som do rio eu já estava ficando com frio nos pés. Além disso, eles não pareciam muito bem.

— Pedimos desculpas por incomodar. Sabemos que estamos sendo muito impertinentes...

O professor não parava de se desculpar. A esposa tinha as bochechas vermelhas de frio e o olhar turvo de lágrimas. A filha de quinze anos, os lábios comprimidos. O filho de oito, incapaz de conter a curiosidade, inspecionava o porão com os olhos. Os quatro não se soltavam uns dos outros. A esposa estava de braço dado com o professor, que punha o outro braço em torno dos ombros da menina. Os irmãos estavam de mãos dadas. O menino segurava uma ponta do casaco da mãe.

— Não precisa ficar fazendo cerimônia. Mas como fizeram para atravessar aquela ponte? Ela está toda podre! Aposto como ficaram com medo. Por que não bateram na porta da frente? Bom, enfim, vamos subir para a sala, onde está quentinho. Não faz sentido ficarmos aqui.

— Muito obrigado, mas não temos muito tempo. E não podemos chamar a atenção. Tem algo que preciso fazer, mas é melhor que seja aqui no porão.

O professor respirou fundo. Como se isso fosse um sinal, os quatro se aproximaram ainda mais uns dos outros, criando um grupo mais cerrado.

Todos vestiam casacos de caxemira da melhor qualidade. A cabeça, as mãos, as pernas, tudo o que sobrava para fora dos casacos estava igualmente embrulhado em peças de roupa de lã. Carregavam bolsas nas

duas mãos, de diferentes tamanhos, proporcionais à altura de cada um. Deviam estar pesadas.

Arrumei rapidamente a mesa de trabalho de minha mãe e puxei cadeiras para que se sentassem. As bagagens ficaram enfileiradas debaixo da mesa. Pusemo-nos em posição de ouvir e falar.

— Finalmente. Chegou a minha hora.

O professor juntou os dedos das mãos sobre a mesa. Parecia querer aprisionar as suas palavras dentro do semicírculo que formava com os dedos.

— Chegou o quê?

Era como se as palavras não quisessem sair de dentro dele. Comecei a ficar cada vez mais angustiada.

O professor respondeu com uma voz calma, racional:

— A intimação da polícia secreta.

— Intimação? Por quê?

— Intimação para comparecer ao Instituto de Pesquisa em Genética. Amanhã... aliás, hoje já é amanhã: hoje de manhã vão vir me buscar. Fui demitido da universidade. Também fui despejado da casa em que morava no campus. Recebemos ordens de ir viver no instituto, eu e toda a minha família.

— Onde fica esse instituto?

— Não sei. Ninguém sabe onde fica, que cara tem o prédio. Mas sabemos mais ou menos o que eles fazem lá. Declaradamente, é um instituto de pesquisa para novas terapias, mas, na verdade, é um braço da polícia secreta que forma novos caçadores de memórias. Querem usar minha pesquisa para detectar pessoas que não esquecem.

Lembrei-me da conversa que tivera com R na recepção da editora. Então era tudo verdade. E atingia gente muito próxima de mim.

— A intimação chegou há três dias. Não tive tempo de pensar sobre o que fazer. O meu salário vai triplicar. Eles têm uma escola para os filhos dos empregados. Eu passo a ter diversos privilégios, não pago impostos, tenho plano de saúde, um carro à disposição, uma casa para

morar. É tudo tão perfeito que dá medo.

— É o mesmo envelope que minha mãe recebeu há quinze anos.

Então, a esposa abriu a boca pela primeira vez. Como os olhos, sua voz era turva. A filha em silêncio observava a conversa. O menino, um pouco encabulado, mexia nas ferramentas de escultura que estavam em cima da mesa.

Lembrei-me de quando, quinze anos antes, minha mãe fora levada. Naquela época, ela tinha se aconselhado com a senhora Inui. Eu era uma menininha, e a senhora Inui carregava no colo a filha recém-nascida.

A intimação chegara em um envelope áspero, de cor lilás. Naquela época, nunca ninguém tinha ouvido falar de caçadores de memórias. Nem meus pais, nem a senhora Inui acharam que fosse algo muito perigoso. Só estranharam o fato de a intimação não informar quanto tempo o estudo duraria, nem o motivo para escolherem minha mãe.

Mesmo naquela época, eu suspeitava que a intimação tinha a ver com as gavetinhas do porão. Enquanto os adultos liam e reliam a intimação e discutiam o assunto, eu me lembrei da tristeza no rosto de minha mãe, naquele dia em que ela me mostrou os objetos no porão e me revelou, bem baixinho, que não sabia por que, ao contrário das outras pessoas, ela se lembrava de tudo.

Minha mãe e a senhora Inui falaram e falaram e não chegaram a nenhuma conclusão. Não havia por que recusar, e podia muito bem não ser nada de mais.

— Acho que não tenho motivo para me preocupar tanto assim. Vai dar tudo certo.

— Claro! Pode deixar que nós ajudaremos a cuidar da casa e da sua filha enquanto você estiver fora.

O carro da polícia secreta que viera buscar minha mãe era tão luxuoso que dava medo. Tinha o tamanho de uma casa; era de um preto majestoso, imaculado e polido. As calotas das rodas, os trincos e o distintivo da polícia secreta no capô do carro brilhavam no sol da manhã.

O estofamento era de um couro tão macio que dava uma vontade irresistível de sentar.

O chofer de luvas brancas abriu a porta do carro para minha mãe. Ela ainda deu algumas instruções à senhora Inui e à minha babá, abraçou meu pai e, por fim, sorrindo, segurou meu rosto com as duas mãos.

Todos se sentiram mais tranquilos ao ver o carro de luxo e o chofer educadíssimo. Se estavam tratando minha mãe com tanto cuidado, não podia haver nada com que se preocupar.

Minha mãe afundou no assento macio do carro. Todos pareciam lembrar outra ocasião — a noite em que ela tinha sido a convidada de honra em uma cerimônia de premiação de esculturas. Novamente, estávamos enfileirados na porta de casa para nos despedir dela.

Mas essa foi a última vez que vi minha mãe viva. Ela voltou uma semana depois — um cadáver e uma certidão de óbito.

Fora um ataque do coração. O professor Inui fez uma investigação completa no hospital e não encontrou nada suspeito.

“Enquanto colaborava com a nossa investigação secreta, a senhora foi acometida de um mal súbito e veio a falecer. Vimos por meio desta prestar nossas condolências.”

Meu pai leu para mim a carta da polícia secreta. Eram como palavras mágicas de um culto estrangeiro: para mim, não faziam sentido nenhum. As lágrimas de meu pai molharam o papel lilás, e eu fiquei observando as manchas que se formaram na superfície.

— O papel timbrado é o mesmo, o estilo da letra impressa é o mesmo, a marca d'água é a mesma, tudo igual à mensagem que o seu pai recebeu — disse a senhora Inui. Ela tinha dois cachecóis em torno do pescoço, amarrados firmemente abaixo do queixo. Cada vez que falava, seus cílios tremiam.

Perguntei:

— E o senhor não pode recusar?

— Em caso de recusa, eles vêm me buscar — respondeu o professor.

— Se eu não colaborar com os caçadores de memória, eu passo a caçado. E quando me pegarem, não sei para onde vão me levar, nem o que vão fazer comigo. Posso ser preso, posso ter de fazer trabalhos forçados, posso pegar pena de morte. Eu e toda a minha família. A julgar pela maneira como a polícia secreta captura os suspeitos e os embarca em caminhões, amontoados como colheres humanas numa gaveta, não dá para imaginar que nos levem a algum lugar confortável.

— Então o senhor vai para esse instituto?

O professor e a esposa responderam em uníssono:

— Não.

— Vamos para um esconderijo.

— Um esconderijo... — murmurei.

Era a segunda vez que ouvia essa palavra.

— Por sorte, tenho um contato com a rede clandestina. Vão nos levar para um lugar seguro.

— Mas o senhor vai perder seu emprego, sua carreira, tudo... Mesmo contra a vontade, não é mais seguro obedecer às ordens das autoridades? O senhor tem filhos pequenos...

— Nada garante que seja seguro ir para o instituto. Afinal, quem manda no lugar é a polícia secreta. Não posso confiar neles. E se, depois que conseguirem o que querem de mim, eles acharem necessário, para manter o segredo, fazer algo extremo?

O professor media um pouco as palavras, talvez para não assustar os filhos. Os dois estavam quietos e bem-comportados. O menino brincava com pedacinhos de uma pedra ordinária, tratando-os como se fossem um brinquedo sofisticado. Tinha luvas azul-claras, de desenho muito simples; possivelmente feitas em casa. Para evitar perder só uma das mãos, as duas luvas estavam presas uma à outra por uma correntinha de crochê que passava por trás do pescoço. Lembrei-me de que eu também, quando era pequena, tivera um par de luvas assim. Naquele porão pesado e triste, apenas as luvas azuis do menino pareciam emanar um ar de liberdade.

— Além do quê, está fora de questão ajudarmos na caça às memórias

— acrescentou a senhora Inui.

— Mas, se vocês forem para um esconderijo, como vão fazer com dinheiro, comida, escola, se ficarem doentes... quer dizer, como vão fazer para resolver as questões do dia a dia? Não apenas do dia a dia: o que vai ser da própria existência de vocês quatro?

Naquela fase, eu ainda não tinha entendido completamente a situação. Palavras como “genética”, “sequenciamento”, “instituto”, “rede clandestina” e “esconderijo” ainda não tinham encontrado um lugar certo na minha linha de raciocínio e, cada vez que reapareciam, entravam em ressonância em meu ouvido.

— Também não sabemos o que vai ser de nós.

Ao dizer isso, a senhora Inui derramou algumas lágrimas. Ela não estava chorando — as lágrimas caíam, mas não se tratava de um choro. Parece estranho, mas foi o que pensei. Ela estava tão triste que se tornara incapaz de chorar. Limitava-se a derramar um líquido transparente.

— Foi tudo muito de repente, não tivemos tempo para nada. Minha cabeça ficou paralisada, eu não sabia que preparativos eram necessários, o que eu devia separar para levar, nada. Que dirá prever o que vai acontecer daqui para a frente. Tenho toda a minha capacidade mental ocupada em tomar as decisões do momento. A caderneta do banco, em que estão anotadas nossas economias, vai me servir para alguma coisa agora? Devo levar dinheiro? Ou seria melhor trocar tudo por ouro? Que quantidade de roupa devo levar? Comida, devo tentar levar o máximo que conseguir? Devo abandonar o Mizore, nosso gatinho?

O líquido transparente caía em gotas incontáveis. A filha tirou do bolso um lenço e o ofereceu à mãe.

— Também tivemos de decidir o que fazer com as esculturas que ganhamos de sua mãe — disse o professor. — Acho que, quando descobrirem que desaparecemos, a polícia secreta vai fazer uma busca em nossa casa. Vão revirar tudo, pisotear, destruir. Então nós quisemos salvar ao menos alguma coisa que nos seja preciosa. Só que é perigoso pedir para alguém guardar coisas nossas. A polícia secreta pode descobrir. Precisamos reduzir ao máximo o número de pessoas que sabem de nosso

paradeiro.

Assenti com a cabeça.

— Posso lhe pedir esse imenso favor? Você poderia ficar com as esculturas de sua mãe e guardá-las para nós? Até a próxima vez que pudermos nos ver...

Quando ele terminou de dizer isso, como se tudo houvesse sido ensaiado com antecedência, a filha moveu-se agilmente e tirou cinco esculturas de uma bolsa esportiva que estava a seus pés, perfilando-as em seguida sobre a mesa.

— Esta é uma anta³, presente de casamento. Já esta outra, ganhamos quando a mais velha nasceu. As outras três, sua mãe nos deu na véspera de ser levada pela polícia secreta.

Ainda que nunca tivesse visto uma anta na vida, minha mãe gostava do bicho e fez diversas esculturas de anta. O presente pelo nascimento era uma menina de olhos grandes, esculpida em carvalho. Eu tenho uma igual. As outras três eram bem diferentes. Tratava-se de objetos abstratos feitos com uma assemblagem de pedaços de madeira e metal, como um quebra-cabeça. Cabiam na palma da mão e eram ásperos, pois não tinham sido lixados nem pintados. Davam a impressão de que poderiam ser encaixados para formar algo maior; ao mesmo tempo, eram muito díspares, como se não tivessem relação mútua.

— Não sabia que ela havia deixado isso para vocês antes de partir.

— Nós também não fazíamos ideia de que isso se tornaria a última lembrança que sua mãe nos deixaria. Talvez ela soubesse. Ela nos disse que fez esses objetos apressadamente, trancada neste porão, pois não sabia quando voltaria a esculpir. Como não fazia sentido deixá-los aqui, ela perguntou se não queríamos ficar com eles.

A senhora Inui dobrou cuidadosamente o lenço e acrescentou:

— E agora, se possível, gostaríamos de deixá-los aqui, com você.

— Claro que sim. Obrigada por cuidar tão bem das obras de minha mãe.

— Que bom. Pelo menos estas esculturas não cairão nas mãos daqueles desgraçados — disse o professor, com um sorriso.

Eu sabia que eles precisavam partir antes que amanhecesse, mas, ainda assim, sentia que precisava fazer alguma coisa por eles. No entanto, não me ocorria o quê.

Decidi ao menos subir ao primeiro andar e aquecer um pouco de leite na cozinha. Servi o leite em canecas e trouxe para eles. Fizemos um brinde e bebemos o leite em silêncio. De vez em quando, um de nós erguia os olhos e esboçava no rosto a intenção de falar alguma coisa, mas, sem saber exatamente o que dizer, baixava o olhar de volta à caneca e continuava tomando o líquido branco.

A lâmpada estava coberta de poeira, emprestando ao porão uma luz de aquarela. Esculturas iniciadas, esculturas nunca acabadas, um caderno de esboços desbotados, uma pedra de amolar que de tão seca estava se esfarelando, uma câmera quebrada, um jogo de vinte e quatro cores de giz pastel e outros objetos esquecidos dormiam espalhados pelos quatro cantos do ateliê. Bastava se mover um pouco para ouvir algum rangido das cadeiras ou do assoalho. As janelas mostravam um sem-fim de escuridão. Não havia lua.

Talvez porque achasse estranho todo aquele silêncio, o menino olhou cada um de nós nos olhos e declarou:

— Que bom esse leite.

Ele tinha o contorno da boca molhado de branco.

— Bom, né?

Todos concordaram com a cabeça.

Eu não sabia o que iria acontecer com eles, não era capaz de imaginar; mas, ao menos naquele momento, eles estavam ali tomando aquela bebida quente, o que me deu um tênue consolo.

Resolvi perguntar sobre algo que estava me preocupando:

— Vocês sabem onde é o esconderijo? Talvez eu possa ser útil de alguma maneira, levar alguma coisa de que precisarem, alguma notícia daqui de fora...

O senhor e a senhora Inui trocaram olhares, que, em seguida, se voltaram ao leite das canecas. Houve uma pausa e o professor falou:

— Nós agradecemos, mas não precisa se preocupar com isso. É

melhor que você não fique sabendo para onde vamos. Não que eu ache que você vá contar para alguém. Se eu achasse isso, não teria vindo aqui lhe pedir que cuidasse das esculturas. Mas é justamente para protegê-la que não devemos dizer onde fica o esconderijo. Quanto mais envolvimento você tiver conosco, maior perigo você vai correr. Se for interrogada pela polícia secreta, você não poderá dizer a eles algo que não sabe. Se você souber, não haverá crueldade que eles não tentarão para extrair de você as informações. Não nos pergunte aonde vamos.

— Claro, entendo perfeitamente. Então não me contem. Ficarei aqui, sem saber de nada, rezando pelo seu bem-estar. Não há nada mais que eu possa fazer por vocês? — indaguei, com a caneca vazia na mão.

A senhora Inui respondeu, constrangida:

— Você pode me emprestar um cortador de unhas? Esse menino está com as unhas compridas...

— Claro que sim, não me custa nada.

Achei um cortador de unhas na gaveta e decidi eu mesma tirar as luvas do menino e fazer o serviço.

— Fique quietinho. Não demora nada.

Os dedos eram pequenos e perfeitos. Não tinham nenhuma mancha ou marca. Agachei-me à sua frente e segurei sua mãozinha, para não o machucar. Ele riu encabulado e balançou as pernas.

Fui cortando unha por unha, começando pela mão esquerda. As unhas eram maleáveis, transparentes, e não apresentavam resistência à lâmina do cortador. Iam caindo no chão como pétalas. No silêncio que se seguiu, todos pareciam prestar atenção no sussurro do cortador. Era como o som de uma chave selando aquele instante no fundo da noite.

Quando terminei, as luvas azul-claras estavam esperando sobre a mesa.

Assim se deu o sumiço da família Inui.

Seis

Subo a escada. É tão estreita que não dá para duas pessoas passarem ao mesmo tempo. Uma escada simples, de madeira, sem revestimento nem corrimão.

Sempre penso que estou em um farol quando subo essa escada. Só fui ao farol uma ou duas vezes quando era pequena, mas o cheiro do lugar e o som dos passos são semelhantes. O som de passos na madeira e o cheiro de óleo de máquina.

O farol há muitos anos já foi desativado. Nenhum adulto o frequenta mais. O pontal em que se encontra está coberto de ervas secas e espinheiros cortantes. A caminhada até lá resulta em pernas lanhadas.

Uma vez, fui com meu primo mais velho. Ele lambeu minhas feridas da perna no caminho.

Ao lado das escadas do farol, havia uma cabine abandonada que um dia fora o local de descanso do faroleiro. Entramos e vimos uma mesa dobrável e duas cadeiras. Sobre a mesa, havia um bule de chá, um açucareiro, guardanapos, duas xícaras, pratinhos para bolo e garfinhos enfileirados ordeiramente.

Nada havia na disposição que não estivesse disciplinado e no devido lugar: o espaço entre os pratos, o ângulo das asas das xícaras e o brilho uniforme dos garfos. Aquilo me deu arrepios. Ao mesmo tempo, imaginava que, naquela louça tão bonita, só o mais delicioso dos bolos poderia ser servido.

O faroleiro já abandonara o farol havia muitos anos; e a imensa lâmpada da torre agora dormia, gelada, sob uma camada de poeira. No entanto, aquela mesa posta dava a impressão de que não havia dez minutos que alguém fizera um lanche ali.

Enquanto olhava, tive a impressão de ver o vapor subir lentamente

das xícaras.

Ainda a palpitar com a visão daquela cabine, começamos a subir a torre. Meu primo ia atrás, eu, à frente. Estava um pouco escuro e a escada era íngreme; era difícil saber se já estávamos perto do topo.

Eu devia ter uns sete ou oito anos. Vestia uma saia jardineira cor-de-rosa feita por minha mãe. Eu levava as alças no comprimento máximo, mas, ainda assim, a saia me parecia muito curta, e eu tinha receio de que meu primo visse minha calcinha.

Por que será que nós inventamos de ir lá? Não lembro.

Já estava quase sem fôlego quando o som do mar ficou mais alto, e começamos a sentir um cheiro de óleo de máquina. Demorei um pouco para entender aquele cheiro; no início, só achei que era uma fumaça tóxica que se aproximava. Tapei a boca com a mão e tentei prender a respiração. Fiquei ainda mais afogueada e tonta.

Lá de baixo veio um som de coisas batendo. Imaginei que talvez fosse a pessoa que estava comendo bolo na cabine. *Ele terminou o lanche e está subindo a escada, supus. Depois de espetar o último pedaço do pão de ló com o garfo reluzente, saboreando-o sobre a língua, ainda com as migalhas doces grudadas no rosto, o faroleiro se levantou e está vindo atrás de mim!*

Pensei em pedir socorro ao meu primo. Mas e se, ao me virar, em vez do meu primo, quem estiver ali for o faroleiro? Não tive coragem de me virar. Então, sem conseguir chegar ao fim da escada, eu me agachei em pânico no meio do caminho.

Não sei quanto tempo se passou. O barulho cedeu; não se ouvia sequer o som das ondas.

Tentei aguçar a audição, mas não parecia que nada em especial estivesse acontecendo. Só havia um assoberbante silêncio tomando tudo. Consegui juntar um pouco de coragem e resolvi me virar.

Quando olhei, não havia faroleiro nem primo.

Não deixa de ser estranho que eu sempre me lembre do farol quando subo essa escada. Ela leva ao meu amante; eu devia subi-la alegre, aos pulinhos, quase tropeçando de entusiasmo. No entanto, subo-a lentamente, controlando os passos, tentando não fazer barulho.

Estou na torre do relógio da igreja. Os sinos tocam às onze da manhã e às cinco da tarde — duas vezes por dia. No térreo, há um armário onde se guardam as ferramentas do relógio — do mesmo tamanho da cabine do faroleiro. A sala de máquinas fica no último andar, mas nunca fui até lá. O meu amante fica me esperando na sala de aula do curso de datilografia, no meio da torre.

Passo por outras salas, de um curso de dança, para chegar à sala de datilografia. À medida que vou me aproximando, já posso ouvir o som das teclas das máquinas de escrever. Há ritmos desajeitados, outros bastante fluentes. Os novatos têm aula junto com os que já estão quase no fim do curso.

Será que ele está em pé ao lado de alguma aluna principiante, observando enquanto ela, insegura, datilografa um exercício? Ele poderia, cada vez que ela erra, pegar o dedo infrator e conduzi-lo até a tecla correta. Pelo menos, era o que ele fazia comigo...

Nesse ponto, larguei o lápis. Meu novo romance não estava avançando. Ficava um tempão no mesmo parágrafo, dando voltas, sem saber o que fazer para seguir adiante — não conseguia visualizar o rumo disso. Mas, como sempre me ocorrem esses brancos quando escrevo, não estava tão preocupada.

— Como vai indo?

R sempre me pergunta a mesma coisa quando me vê. Nunca sei se ele está se referindo a mim, pessoa, ou ao romance que estou escrevendo.

— Vai indo.

No fundo, sei que é sempre do romance que ele está falando.

— Nada de escrever com a cabeça, hein! Tem de escrever com a mão!

Fiquei um pouco surpresa porque ele nunca fala desse jeito peremptório. Assenti com a cabeça. Estendi a mão direita e estiquei os dedos.

— Isso mesmo. Daí é que deve sair a história.

Ele desviou o olhar, cuidadoso, como se tivesse encontrado dentro de mim o lugar mais vulnerável.

Eu queria ir dormir. Estava muito cansada e os meus dedos doíam. Guardei os lápis e a borracha no estojo, arrumei as folhas do manuscrito e pus o peso de vidro em cima delas.

Deitada, fiquei pensando na família Inui. Desde o sumiço deles, já passei diversas vezes diante da faculdade, pela parte do campus em que ficam as residências dos professores. Nada parece diferente ali. Há estudantes deitados na grama e o guardinha da entrada principal, ocioso, sempre lendo um livro sobre bonsai.

Nas residências dos professores, nos fundos do campus, há futons estendidos nos parapeitos para pegar sol. Esforço o olhar e, contando as janelas, encontro a sacada do apartamento da família Inui: número 619E. Está vazia e limpa.

Fui à clínica de dermatologia do hospital universitário e dei uma olhada no mural com as placas e horários dos médicos. Na coluna da quarta-feira, que era o dia de consultas do professor Inui, havia uma plaquinha com o nome do assistente. Essa plaquinha era a única coisa que havia mudado. À minha volta, as enfermeiras iam e vinham trazendo remédios, levando prontuários e gaze, e os pacientes, aguardando na recepção, levantavam a roupa para mostrar uns aos outros onde a pele fora atacada por bactérias. Ninguém ali parecia desconfiar do desaparecimento do professor, nem lamentar a sua ausência.

A família Inui se desmanchara no ar, em um sumiço perfeito.

Será que, onde quer que estejam agora, há uma cama limpinha para dormir, será que conseguem ao menos ter sonhos? A higiene é necessária para prevenir doenças, e sonhar é necessário para consolar o coração. Será que há uma mesa para as refeições, louça suficiente para quatro pessoas? O que terá acontecido com o gato Mizore? Eu devia ter perguntado — na hora, esqueci. Eu devia ter me oferecido para cuidar do gato, como das esculturas. Mas trazer um gato para casa levantaria suspeitas. A polícia secreta decerto tem uma descrição detalhada da pelagem e da fisionomia do gato no dossiê da família.

Por mais que eu me esforçasse, não conseguia dormir. As preocupações e angústias vinham boiando uma atrás da outra em direção à superfície, como bolhas. Depois ficavam vagando à deriva na região do peito.

Será que dava mesmo para acreditar na tal rede de apoio? O professor não me dissera nada sobre eles. E as crianças, será que estariam bem? Isso é o que mais me preocupava. A essa altura, as unhas do menino já teriam crescido dentro das luvas azul-claras...

No dia seguinte, fomos todos visitados por um novo sumiço.

O orvalho cobria o jardim na manhã fria. As pantufas, as torneiras, as bocas do fogão, as bisnaguinhas dentro do porta-pão e diversos outros objetos da casa estavam gélidos ao toque. O vento, que soprara durante toda a noite, cessara havia pouco.

Pus a panela do frango com legumes a aquecer na boca do fogão. Enrolei as bisnaguinhas em papel-alumínio e as dispus em torno da panela. A água ferveu na chaleira. Fiz um chá preto e adocei com mel. Queria comer e beber coisas quentinhas.

Não queria sujar louça, então decidi tomar o caldo do frango direto da panela. Quando os pãezinhos começaram a cheirar, desembrulhei-os e comi com mel.

Enquanto mastigava, aguicei os sentidos para tentar descobrir o que tinha sumido dessa vez. Uma certeza havia: não era nem frango ensopado, nem bisnaguinha, nem chá preto, nem mel. Essas coisas tinham todas o mesmo gosto da véspera.

Fico bem incomodada quando é sumiço de comida. Antigamente, a feira ambulante era abarrotada de coisas diferentes; hoje, há mais espaço vazio do que produtos. Quando eu era pequena, adorava comer salada com uma coisa chamada “vagem”. Era uma salada que a minha mãe fazia. Levava a tal “vagem”, batata, ovo cozido, tomate e maionese, que minha mãe, depois, salpicava de cheiro-verde. Ela sempre perguntava ao feirante:

— Tem vagem fresca? Bem crocante?

Faz muito tempo que já não se pode mais comer salada de vagem. Também não consigo mais me lembrar de que forma, cor e gosto tinha essa coisa.

Tirei a panela do frango, agora vazia, de cima do fogão e diminuí um pouco a chama. Servi-me uma segunda xícara de chá, desta vez sem adoçar. Estava com as mãos grudentas de mexer no mel.

Fazia muito frio, mas o riacho não havia congelado — ouvia-se o som distante da água. Ouviam-se também os passos de adultos e crianças andando na calçada. O cachorro do vizinho latiu. Naquela manhã, como em outras manhãs de sumiço, havia muito movimento nas ruas.

Comi todas as bisnaguinhas. Fui até uma janela que dava para o norte, pois era daí que parecia vir mais barulho. Vi o ex-chapeleiro e um casal mal-encarado de vizinhos. Um cachorro com manchas marrons. Algumas crianças de mochila nas costas. Todos, mudos, contemplavam o rio.

Até a véspera, aquele curso d'água fora desprovido de atrativos; quando muito, às vezes se via uma carpa ou outra. Mas, agora, era estranho demais e bonito demais para um simples rio.

Estiquei o corpo para fora, para enxergar melhor. Pisquei diversas vezes, na hipótese de que estivesse com a visão embaçada; mas o rio continuou extraordinário. A superfície da água estava coberta de fragmentos de diversas cores: vermelho, cor-de-rosa, branco. Não havia uma única fresta na cobertura que permitisse entrever o rio que corria por baixo. Os fragmentos pareciam leves e flexíveis, e se sobrepunham uns aos outros, depois se espalhavam, formando um desenho que se movia mais devagar do que a correnteza.

Fui correndo até o porão e saí pela escada dos fundos que levava à beira do rio, onde, naquela noite, eu me deparara com a família Inui. Dali, eu podia observar o rio de perto.

O chão da plataforma era gelado e áspero, cheio de trevos que haviam crescido nas frestas entre os tijolos. Aos meus pés, movia-se lentamente aquele fluxo inacreditável. Ajoelhei-me e mergulhei as duas

mãos no rio. No côncavo de minhas mãos, juntaram-se incontáveis pétalas de rosa.

— Você viu, que coisa? — interpelou-me o ex-chapeleiro da outra margem. — Que absurdo!

Outros concordaram com a cabeça. As crianças corriam à margem do rio, chacoalhando as mochilas presas às costas.

— Ei, vocês não têm que ir para a escola? Nada de ficar enrolando! — disse o velho.

As pétalas ainda não haviam murchado. Pelo contrário; talvez por causa da água gelada, pareciam mais firmes do que nunca. O aroma de rosas, dissolvido na névoa do amanhecer que cobria o rio, era tão intenso que chegava a incomodar.

Até onde ia a vista, havia apenas pétalas. Quando juntei algumas nas mãos, tentei espiar o fundo do rio, mas logo outras pétalas se espalharam e taparam o buraco que eu abrira na superfície. Era como se estivessem se movendo por hipnose, tragadas pelo mar distante.

Desgrudei as pétalas das mãos e as devolvi ao rio. Algumas eram serrilhadas; outras, onduladas. Algumas pálidas, outras de cores vivas; algumas ainda presas ao cálice. Havia uma grande variedade de formas e de cores. Algumas se aglomeravam contra os tijolos da plataforma para, em seguida, retomar o caminho da correnteza, até se tornar indistintas das restantes.

Lavei o rosto, mas não me maquiei. Só passei um creme, vesti meu casaco e saí. Segui o rio à montante na direção do roseiral, que ficava na encosta sul da colina.

Havia muita gente parada às margens do rio, observando o belo fenômeno. Havia também mais caçadores de memórias do que o normal — todos com uma arma na cintura e nenhuma expressão no rosto.

As crianças, inquietas, já tinham passado para a fase de jogar pedras nas flores. Uma delas trouxe de algum lugar uma vara comprida e se pôs a remexer a superfície do rio. Nada disso alterou o movimento e a

espessura da camada de pétalas itinerantes. Se no caminho havia estacas ou bancos de areia, esses obstáculos nada podiam contra a enxurrada de pétalas. Elas pareciam um cobertor macio, gostoso de tocar, que abraçaria meu corpo se eu me deitasse nele.

Os adultos falavam baixinho entre si, tomando cuidado para não chamar a atenção da polícia secreta.

— Que espetáculo!

— Nunca tinha visto um sumiço tão sensacional.

— Vou tirar uma foto.

— Não perca seu tempo. As coisas sumidas não aparecem em foto.

— Ah, é verdade...

À exceção da padaria, não havia nenhuma loja aberta. Eu queria saber a quantas andava a situação na floricultura, mas a cortina metálica ainda estava fechada. Os ônibus e o bonde iam vazios. O sol tentava aos poucos aparecer por entre as nuvens. A névoa começava a se dissipar, mas o aroma da coisa permanecia.

Como eu imaginara, não havia mais sombra de rosa no roseiral. Apenas os espinhos e as folhas permaneciam nos galhos, que, como ossos esguios, apontavam enviesados para o céu. Um vento intermitente, vindo do topo da colina (onde antes fora o observatório de pássaros), varria em direção ao rio as pétalas que haviam sobrado no solo. A cada lufada, oscilavam de leve folhas e galhos.

Não havia viva alma ali — nem a atendente do roseiral, que sempre me recebia muito maquiada, nem os jardineiros, muito menos clientes. Hesitei um pouco em entrar sem pagar o ingresso, mas, por fim, decidi passar pelo portão e seguir as setas que indicavam a direção do passeio.

Fora as roseiras, as outras espécies, como as campânulas, as flores-de-maio e as gencianas, estavam intactas. Pareciam pedir desculpas por florir, encabuladas. Era como se um vento seletivo houvesse decidido despetalar apenas as rosas.

Um roseiral sem rosas é um lugar inóspito e despropositado. As

estacas em que se amarravam as plantas, o adubo espalhado no solo e outros sinais do cuidado com que aquele terreno fora mantido imprimiam-lhe um aspecto trágico. A terra adubada e arejada fazia um som fofo ao ser pisada. Dali, não se podia ouvir o marulhar do rio. Enfiei os punhos nos bolsos do casaco e perambulei pela colina, como quem caminha em um cemitério de lápides anônimas.

Depois de algum tempo, percebi que, por mais que andasse por ali, observasse os espinhos, folhas e galhos, me esforçasse por ler as plaquinhas explicando as variedades de flores, eu já não me lembrava da aparência de uma rosa.

Sete

O volume e a cor da água do rio só voltaram ao normal dali a três dias. As carpas — sabe-se lá por onde haviam andado — também voltaram, nadando como se nada tivesse acontecido.

No segundo dia, as pessoas que possuíam rosas em casa foram até o rio sepultar suas flores. Faziam-no com cuidado, despetalando-as uma a uma e lançando-as às águas.

Encontrei uma mulher com jeito de rica que se despedia de suas rosas perto da pequena ponte dos fundos de minha casa.

— Mas que rosas elegantes!

Minha observação não se devia às rosas em si, que eu já não era capaz de compreender, e sim à maneira delicada como ela tocava nas coisas.

“Elegante” foi o primeiro elogio que me veio à cabeça.

— Muito obrigada! Estas aqui ganharam um prêmio no concurso de rosas do ano passado.

Tudo indicava que eu escolhera o elogio certo.

— Minhas rosas são a lembrança mais bonita que meu pai me deixou.

Ela não demonstrava guardar ressentimento. Com as unhas pintadas de uma cor forte que combinava bastante com as rosas, ela as despetalava sem hesitação, uma a uma. Terminada a tarefa, sem olhar para a correnteza, cumprimentou-me com uma mesura expansiva, própria das pessoas da alta sociedade, e tomou o seu rumo.

As pétalas foram levadas em direção ao mar. Já não se via mais nenhuma.

As mesmas pétalas que em grande quantidade cobriram o rio, ao chegarem ao mar, pareciam uma coisa frágil e rala, e foram tragadas pelas vagas em poucos instantes. Assisti ao seu sumiço desde o cais, junto com

o velho balseiro.

— Até agora não entendi como é que o vento fez para despetalar só as rosas — comentei, enquanto tentava raspar com o dedo a ferrugem do corrimão do deque.

— Não há nada para entender. As rosas sumiram. Essa realidade é inamovível.

O velho estava com o blusão que eu lhe dera e uma calça do uniforme de seus tempos de balseiro.

— E o que vai acontecer com o roseiral?

— Isso não é coisa para você se preocupar. Ninguém sabe se vão plantar outras flores, se vai virar um pomar, um cemitério... e ninguém precisa saber. O tempo dirá. O tempo não cumpre ordens, ele flui majestoso e incessante.

— Agora que não há mais observatório nem roseiral, as colinas ficaram muito sem graça. Só sobrou aquela biblioteca minúscula caindo aos pedaços.

— Você tem razão. Quando o patrão era vivo, ele me convidava com insistência para ir ao observatório conversar com ele. Quando havia um pássaro raro, ele me emprestava o binóculo para eu dar uma espiadinha. Em agradecimento, quando lhe ocorria algum problema com os canos ou com a caixa de luz, eu ia lá consertar. Eu tinha uma amiga que trabalhava no roseiral e me chamava para ver as novas variedades de rosas que chegavam. Subi tanto aquela colina! Agora, na biblioteca eu não vou, nem teria muita serventia por lá... Só fui uma vez, quando seu livro foi lançado, para inspecionar se eles tinham um exemplar...

— Quanta consideração! Não precisava se preocupar.

— Fui mesmo. Se não tivesse, eu registraria uma queixa. Mas estava lá, direitinho.

— É, há um exemplar na biblioteca. Mas duvido muito que alguém se dê ao trabalho de ir até lá só para pegar emprestado o meu livro...

— Não diga bobagens. Eu olhei a ficha de retirada — explicou, compenetrado. — Constavam dois registros: de uma estudante do ensino médio e de um funcionário de escritório.

Ele tinha a ponta do nariz rosada por causa da brisa marinha.

Havia um redemoinho de pétalas em torno da hélice da balsa. Ao fim de uma longa viagem de rio, elas agora boiavam murchas, já sem cor nem viço, na água salgada, misturadas às algas e aos restos de peixe, indistintas dos outros detritos. O aroma também se dissipara havia algum tempo, sem que eu percebesse.

Às vezes uma onda maior balançava de leve a balsa, e lá de dentro se ouvia um rangido. No pontal ao longe se via a torre do farol banhada na luz do poente.

— E o que vai acontecer com sua amiga que trabalhava no roseiral?

— Já se aposentou. Como já tem idade, não vai precisar procurar um emprego novo. Os mais jovens precisam, não é? Senão, podem levantar suspeitas. Mas, fora o ofício de cuidar de rosas, existe tanta coisa de que ela pode cuidar. Limpar os ouvidos dos netos.⁴ Catar as pulgas dos gatos.

O velho tamborilou o convés com a ponta do sapato. Era um sapato velho, mas resistente. Estava gasto pelo uso e se tornara como que uma parte de seu corpo. Com os olhos baixos, eu comentei:

— Às vezes sinto uma angústia estranha... Se continuar sumindo coisa desse jeito, o que vai ser desta ilha?

De início, achei que ele não tinha entendido minha pergunta. Depois de coçar a barba, respondeu:

— De que adianta ficar pensando nisso?

— Nesta ilha, a taxa de coisas novas que surgem é bem menor do que a quantidade de coisas que somem. Acho que isso não há como negar.

O velho concordou. Em seguida, tensionou todas as rugas do rosto, como se estivesse com dor de cabeça.

— O senhor não acha? Ninguém sabe fazer nada nesta ilha. Só produzimos meia dúzia de tipos de verduras. Carros estão sempre dando pane. Peças de teatro são simplórias. Os fogões, pesados demais. Carne, com colesterol. Maquiagem que deixa a cara oleosa. Bebês. Romances que ninguém lê... Coisas fúteis. Produtos pouco confiáveis. Não somos páreos para todo esse sumiço. Cada vez que uma coisa some, gasta-se

uma energia descomunal. Não chega a ser uma violência, mas cada desaparecimento é um evento total, súbito, inexorável. Não conseguimos preencher esses vazios com outras coisas; a ilha está se tornando um lugar cheio de vãos. Um lugar oco, poroso. Um belo dia, vai derreter e sumir sem deixar traço. O senhor nunca sentiu essa angústia?

— Pois é... — disse ele, constrangido, mexendo na gaita das mangas do blusão. — Você não acha que... talvez... talvez por você escrever romances... acaba pensando essas bobagens? Desculpe, não foi isso que eu quis dizer... Por passar o dia escrevendo coisas mirabolantes... talvez acabe cheia de caraminholas na cabeça.

— Então... talvez — balbuciei. — Mas não acho que tenha a ver com meus romances, não. Minha angústia é com coisas bem reais.

— Vai dar tudo certo, você vai ver — disse ele, enfaticamente. — Eu sou três vezes mais velho que você. Ou seja, já me sumiram o triplo de coisas na vida. Nada disso me causou desconforto. Nunca entrei em crise por causa dos sumiços. Só uma vez, quando a balsa desapareceu. Daí não pude nunca mais atravessar para o outro lado, fazer compras, ir ao cinema... Eu também sentia prazer em ficar todo sujo de graxa, mexendo no motor da embarcação... Não recebi mais salário. Mas nada disso importa. Eu não estou aqui, vivo, mesmo sem balsa? Depois trabalhei de guarda-noturno. No início, não foi fácil, mas logo nos acostumamos e fica até divertido. A balsa, minha antiga conhecida, virou a casa onde moro. Estou bem satisfeito com a minha vida.

— Sim, mas o senhor perdeu todas as lembranças, todas as memórias relacionadas à balsa. Agora ela é só um pedaço de ferro, boiando no mar. O senhor não fica triste com isso? O senhor não se sente inquieto dentro desta caixa oca? — questionei, levantando o olhar.

Ele tentou responder, mas as palavras não saíam direito. Por fim, conseguiu balbuciar:

— Não dá para negar que há cada vez mais vazios na ilha. Quando eu era pequeno, o ar parecia mais compacto, mais repleto. À medida que o ar se esgarçou, nossos corações também foram se puindo. Mas eu acho que esse equilíbrio ajudou na nossa adaptação. É como a lei da osmose:

mesmo quando o equilíbrio diminui, ele nunca chega a zero. Então, vai ficar tudo bem!

Depois disso, ele balançou a cabeça afirmativamente, diversas vezes. Lembrei-me das tantas ocasiões que, quando eu era pequena, eu lhe fazia perguntas difíceis — “Por que os dedos ficam amarelos quando descascamos tangerina?”, ou “Quando a pessoa fica grávida, para onde vão o estômago e os intestinos?”, etc. — e ele demorava para responder, apertando as rugas do rosto, como se estivesse com dor de cabeça.

— É mesmo. Vai dar tudo certo.

— Vai, sim. Eu garanto. Esquecer tudo, perder tudo, não é uma infelicidade. Além disso, as pessoas perseguidas pela polícia secreta não são aquelas que não conseguem esquecer?

Tentei ainda forçar os olhos e perscrutei a superfície da água, mas, com a iminência da escuridão noturna, as pétalas de rosa se tornaram invisíveis.

Oito

Haviam se passado quase três meses desde que eu perdera a voz. A máquina de escrever estava sempre entre meu amante e eu. Só conseguimos ficar em silêncio se estamos na alcova fazendo amor. Do contrário, eu já vou esticando as mãos até a máquina para martelar as teclas. Para mim, é muito mais rápido datilografar do que escrever à mão.

Quando os sintomas da afasia se manifestaram, de início eu forçava a voz, em vão. Tentei diversas coisas: alcançar a garganta com a língua, prender a respiração até sentir os pulmões doerem, contorcer os lábios... Depois compreendi que de nada adiantavam meus esforços e passei a depender apenas da máquina de escrever. Afinal, meu amante é instrutor de datilografia, e eu, datilógrafa.

— O que você quer de aniversário?

Quando me perguntava alguma coisa, ele, sem querer, dirigia o olhar para minhas coxas. Ali estava a máquina de escrever.

TEC-TEC-TEC

Quero fita para a máquina.

Ele enviesou a cabeça enquanto segurava meu ombro esquerdo e leu o que estava escrito.

— Fita de máquina? Que falta de imaginação — ele riu.

TEC-TEC-TEC-TEC

Mas é que eu fico com medo que falte.

Sem fita na máquina, não tenho como falar com você.

Eu gostava do calor da mão dele no meu ombro quando conversávamos. Chegava a esquecer a tristeza de ter perdido a voz.

— Tá bom, então. Vou à papelaria e compro para você todo o estoque de fita para máquina.

TEC-TEC

Obrigada.

O efeito das letras datilografadas no papel é muito diferente do som das palavras quando saem da nossa boca.

Depois de enchermos a página com exercícios, o verso da folha fica todo em relevo. Sempre acho que a letra J vai perder o equilíbrio e cair de bunda no chão. A letra M parece ter uma parte faltando no meio e ficou assim, em zigue-zague. À medida que fui me acostumando com a máquina, eu me sentia mais íntima das letras, mas nunca deixei de pensar que o J e o M precisavam de um conserto.

Lembro-me até hoje de quando ele me ensinou a trocar a fita da máquina no curso de datilografia. Eu ainda estava no nível básico, fazendo aqueles exercícios de repetição com combinações de duas, três, quatro letras...

— Olá, pessoal! Hoje, vamos aprender a trocar a fita da máquina! No início, é meio complicado, mas depois que aprendemos fica muito fácil. Prestem atenção!

Nós nos reunimos em torno da mesa dele. Primeiro, ele enfiou o dedo numa fresta lateral. O tampo da máquina se abriu com um som metálico.

Não esperava que o interior de uma máquina de escrever se revelasse

tão interessante. As alavancas dos tipos, as engrenagens e roldanas, os diversos formatos de pinos, as travas negras de graxa, todos os elementos se encaixavam uns nos outros, criando em conjunto um espaço complexo.

— Vamos descartar esta fita usada. — Ele removeu o rolo da máquina e puxou o resto da fita, que, com um som sibilante, veio deslizando por entre as engrenagens, pinos e travas. — Entenderam como tirar o rolo usado? Então agora vamos inserir o rolo novo... Prestem atenção, pois o rolo tem de estar virado para cima... daí vocês encaixam aqui, no pino da esquerda. Agora é preciso segurar firmemente a ponta da fita com a mão direita... cuidado para não deixar a fita escapar! Há dois pontos importantes: lembrar qual é o lado certo para inserir a fita e por onde ela passa antes de chegar ao rolo da direita. É como colocar a linha na máquina de costura. Primeiro se passa a fita por este gancho... em seguida, em torno desta rodinha... então, por trás deste pino... depois se volta um pouquinho...

O procedimento era mesmo complicado. Impossível aprender assim, de primeira. Meus colegas também pareciam perdidos. Mas o dedo do professor não estava nem aí, e ia vencendo corretamente todas as etapas do procedimento.

— Pronto!

Ao final, a fita nova estava perfeitamente enroscada em meio a todos aqueles obstáculos. Nós suspiramos em uníssono.

— Entenderam como se faz? — Ele nos olhou, com as mãos na cintura.

Os dedos de sua mão estavam limpos, sem nenhum resquício de graxa ou de tinta. Eram sempre limpos.

Demorei para aprender a trocar o rolo da máquina. Cada vez que eu tentava, a fita ficava emperrada; quando conseguia passar a fita por todas as engrenagens, ao datilografar, as letras não apareciam — um fracasso atrás de outro. Passei o resto do curso torcendo para que a fita não chegasse ao fim enquanto eu estivesse fazendo os exercícios.

Hoje em dia, consigo trocar a fita mais rápido e melhor do que ele.

Desde que a máquina se tornou minha voz, gasto um rolo a cada três dias. Não descarto os rolos velhos. Tenho a impressão de que, se eu acariciar a sequência de letras gravadas na fita, um dia minha voz voltará.

Nesse ponto, mostrei o manuscrito a R. As folhas escritas à mão haviam se acumulado à medida que eu ia escrevendo, e a pilha agora estava tão pesada que, em vez de eu ir até o escritório dele, resolvi pedir que ele viesse até a minha casa para dar uma olhada.

Levamos bastante tempo discutindo o manuscrito. Lemos tudo linha por linha. Discutimos se uma frase ou outra era necessária para a história. Pesamos cada uma das palavras e debatíamos se não haveria soluções melhores: “bloco” em vez de “caderno”, “saquê” ou “vinho de arroz”, “enxergar” ou “olhar”, etc. Algumas vezes chegamos à conclusão de que faltava um parágrafo; outras, de que precisávamos eliminar diversas páginas.

Sentado no sofá, R ia virando as páginas em silêncio. Tocava o canto inferior esquerdo do papel como se o acariciasse e segurava firmemente o superior direito entre os dedos. Ele sempre manuseia meus manuscritos com cuidado. Fico tensa ao observá-lo enquanto lê. Fico sempre com medo de não ter escrito um romance à altura do cuidado que ele tem com as folhas.

— Bom, acho que por hoje é o bastante...

Terminada a leitura do dia, ele tirou do bolso do casaco a carteira de cigarros e o isqueiro. Eu preendi as folhas cheias de palavras com um clipe.

— Quer mais chá?

— Uma xícara de chá bem forte, por favor.

— Bem forte, claro.

Fui à cozinha, cortei o bolo e refiz o chá.

— Esta é a sua mãe? — perguntou ele, apontando para uma fotografia acima da lareira.

— Sim.

— Era muito bonita. Você se parece com ela.

— Eu? Não. Meu pai sempre dizia que a única coisa que eu herdei da minha mãe foram os dentes fortes, sem cáries.

— É bom ter dentes fortes.

— Enquanto trabalhava, minha mãe deixava uma tigela com peixinhos secos em cima da mesa, os quais ia petiscando. Eu ficava ao lado dela no meu cercado. Se eu começava a chorar, ela botava um peixinho seco na minha boca sem dentes. Lembro até hoje o gosto dos peixinhos, misturado com o cheiro de serragem e de pó de granito. Era uma coisa horrorosa.

Ele arrumou os óculos e deu uma risadinha.

Comemos o bolo em silêncio. Acontecia com frequência, após uma acalorada discussão sobre o manuscrito, de ficarmos sem saber o que dizer. Não que eu me sentisse desconfortável na presença dele. R tem uma tranquilidade contagiante na maneira como respira. O único aspecto da vida de R que eu conheço é essa postura calma que tem quando se senta para ler. Não sei nada de sua infância, se tem irmãos, o que faz aos domingos, que tipo de mulher aprecia, qual seu time de beisebol, nada. O tempo que passamos juntos é preenchido apenas pela leitura de manuscritos.

— Você ainda tem obras de sua mãe? — perguntou, após saborear o silêncio.

— Não muitas. Só as que ela deu expressamente para mim ou para o meu pai — respondi, olhando para a fotografia — na foto, ela usa um vestido solto de verão. Estou no colo dela, com um sorriso tímido. Ela acaricia minhas pernas com suas mãos de escultora. As juntas de seus dedos eram especialmente largas, de tanto segurar as ferramentas pesadas do ofício. — Ela não gostava de ficar com as obras depois de prontas. Tenho a impressão de que, quando eu era pequena, havia mais esculturas dela por todas as partes da casa. Que eu me lembre, ela se livrou rapidamente da maioria depois da intimação da polícia secreta. Será que ela teve um mau pressentimento? Eu era pequena, não lembro muito bem.